



KnoWhy #192

Agosto 28, 2017



Por que o povo cortou a árvore depois de enforcar Zemnaria?

"E capturaram Zemnaria, seu chefe, e enforcaram-no numa árvore [...] E depois de o haverem enforcado até morrer, derrubaram a árvore".

3 Néfi 4:28

O conhecimento

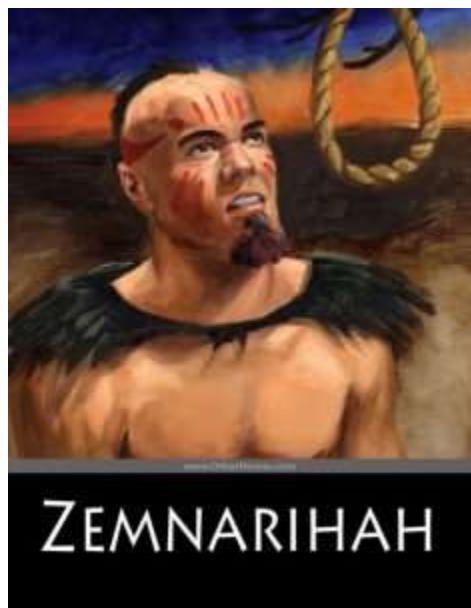
Quando os nefitas capturaram Zemnaria, o líder dos ladrões de Gadiânton, o executaram sumariamente enforcando-o, e a árvore na qual ele foi pendurado foi cortada (3 Néfi 4:28). Cortar a árvore depois de enforcar alguém pode parecer estranho. No entanto, as evidências recolhidas da lei judaica sugerem que este detalhe foi um ritual importante para a limpeza da comunidade.

John Welch explicou: "Embora a prática não estivesse documentada nos dias de Leí, logo após o tempo de Cristo, a prática judaica exigia expressamente que a árvore onde o culpado havia sido pendurado fosse enterrada com o corpo. Portanto, a árvore teve que ser cortada". Welch acredita que "as semelhanças

marcantes entre essas duas fontes [...] mostram uma base histórica comum."

Cortar e enterrar a árvore teria removido qualquer impureza criada pelo contato com um cadáver, mas também serviu a um propósito mais vívido. John Welch observou: "O castigo de Zemnaria estava simbolicamente relacionado à sua ofensa. Ele foi enforcado na frente da mesma nação que havia procurado destruir, e foi trazido à terra assim como havia procurado derrubar aquela nação". 3 Néfi 4:29 diz: "Que o Senhor conserve os de seu povo em retidão e santidade de coração; que eles façam cair por terra todos os que procurarem matá-los por causa de

poder e combinações secretas, da mesma forma que este homem foi derrubado por terra".



Esta declaração é um reflexo de um antigo estilo de juramento do Oriente Próximo chamado simile curse (maldição semelhante). Em maldições semelhantes, uma parte do convênio estabelece as penalidades precisas relacionadas à violação do convênio. Essas penalidades foram estabelecidas como semelhante. Um texto hitita conhecido como O Primeiro Juramento do Soldado mostra como esses juramentos eram sérios no mundo antigo:

Levavam diante deles uma mulher, um cego e um surdo, e você diz a eles: "Aqui (está) uma mulher, um cego e um surdo. Quem quer que participe do mal contra o rei e reine, que as divindades do juramento o tomem e façam (esse) homem (em) uma mulher. Deixe-o [cegá-los] como o homem cego. Que ele seja surdo como o homem surdo."

As maldições semelhantes também aparecem na América pré-colombiana. No Popol Vuh, um texto sagrado da América antiga, dois jovens, ao lidar com o inimigo, cozinharam um pássaro em um fosso coberto de terra e declararam que "da mesma forma, portanto, ele (seu inimigo) será enterrado na terra". Quando esses exemplos são tomados em conjunto, é notável que, em seu contexto antigo, esse corte aparentemente incomum da árvore faça mais sentido.

O porquê

Além de ser um lembrete interessante da antiguidade do Livro de Mórmon, o detalhe na árvore é significativo de outras maneiras. Os nefitas cortaram a árvore onde o ladrão havia sido enforcado, mostrando sua estrita observância da lei de Moisés. Essa ênfase na legalidade contrasta fortemente com a execução do ladrão, um homem que vivia fora da lei. Assim, esse detalhe poderia ser visto como simbólico da vitória de Cristo sobre a sociedade secreta e sua marca de guerra socialmente perturbadora e desestabilizadora, que atormentou os nefitas por tanto tempo.



Além disso, a maldição semelhante que é contra "todos os que procurarem matá-los por causa de poder e combinações secretas" (3 Néfi 4:29) teria sido um poderoso compromisso contra as sociedades secretas. Percebendo o peso que tais reivindicações tinham no mundo antigo, pode-se ver que era um compromisso blindado por parte do povo procurar e destruir as combinações secretas. Isso se torna importante quando se considera as palavras precisas da declaração do povo. "Que o Senhor conserve os de seu povo em retidão e santidade de coração; que eles façam cair por terra todos os que procurarem matá-los" (3 Néfi 4:29).

Essa declaração não era um simples apelo a Deus para que resolvesse os seus problemas. Essa maldição semelhante teria servido como um pacto solene por parte do povo de que eles poderiam acabar com os ladrões de Gadianton, com a ajuda de Deus. E foi exatamente isso que eles fizeram (ver 3 Néfi 5:6).

David A. Bednar explicou bem esse princípio quando afirmou que os discípulos de Cristo são obrigados a "[pedir] com fé, o que para mim significa não apenas verbalizar, mas fazer, o dever duplo de suplicar e

realizar, a exigência de comunicar e agir". Assim como esses nefitas concordaram em combater e eliminar a maldade entre si, os leitores modernos devem fortalecer sua determinação de erradicar o mal em suas próprias vidas e sociedades.

Leitura complementar

John W. Welch, *The Legal Cases in the Book of Mormon* (Provo, UT: BYU Press and the Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2008), pp. 139–209.

John A. Tvedtnes, "More on the Hanging of Zemharihah", em *Pressing Forward with the Book of Mormon: The FARMS Updates of the 1990s*, ed. John W. Welch e Melvin J. Thorne (Provo, UT: FARMS, 1999), pp. 208–210.

John W. Welch, "The Execution of Zemnarihah", em *Reexploring the Book of Mormon: A Decade of New Research*, ed. John W. Welch (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1992), pp. 250–252.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Mesmo o fato de que ele foi enforcado sem julgamento faz sentido quando se considera o contexto antigo. John W. Welch declarou: "No mundo antigo, os ladrões eram mais do que ladrões comuns; eram forasteiros e inimigos da mesma sociedade. Portanto, nos tempos antigos, eles eram considerados bandidos, que estavam fora da lei e não tinham direito a um processo legal. Para agir contra bandidos e salteadores, 'o remédio era militar e não legal'. Assim, a execução de Zemnaria, enforcando-o sem julgamento, não teria sido estranha no antigo mundo israelita. Além disso, 'no Pergaminho do Templo de Qumran, a penalidade prescrita para alguém [...] que 'desertou no meio das nações e amaldiçoou seu povo, [e] os filhos de Israel', é 'pendurá-lo em uma árvore'. Deve-se notar que a descrição do Pergaminho do Templo dos casos em que merecem ser enforcados se encaixa perfeitamente no caso de Zemnaria.' Como Zemnaria havia atacado seu próprio povo, ele era considerado um traidor, então foi enforcado, não apedrejado como se poderia esperar. John W. Welch, *The Legal Cases in the Book of Mormon* (Provo, UT: BYU Press and the Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2008), p. 325. Ver também John A. Tvedtnes, "More on the Hanging of Zemharihah", in *Pressing Forward with the Book of Mormon: The FARMS Updates of the 1990s*, ed. John W. Welch e Melvin J. Thorne (Provo, UT: FARMS, 1999), pp. 208–210.
2. Welch, *Legal Cases*, p. 354. Ver também John W. Welch, "The Execution of Zemnarihah", em *Reexploring the Book of Mormon: A Decade of New Research*, ed. John W. Welch (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1992), pp. 250–251.
3. Welch, *Legal Cases*, pp. 354–355.
4. Números 19:11 observa que "[a]quele que tocar em algum morto, cadáver de algum homem, imundo será sete dias". No entanto, impurezas desse tipo poderiam ter sido transferidas para a árvore

quando ela teve contato com o cadáver. Ver Welch, *Legal Cases*, pp. 355–356.

Ver Welch, *Legal Cases*, p. 355.

Tais maldições aparecem periodicamente em todo o Livro de Mórmon. Ver, por exemplo, Alma 44:14. Para mais informações sobre maldição, ver Delbert R. Hillers, *Treaty-Curses and the Old Testament Prophets*, Biblica et Orientalia 16 (Roma: Pontifical Biblical Institute, 1964); Noel Weeks, *Admonition and Curse: The Ancient Near Eastern Treaty/Covenant Form as a Problem in Inter-Cultural Relationships*, The Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies 407 (Londres: T&T Clark, 2004); Anne Marie Kitz, "An Oath, Its Curse and Uning Ritual", *Journal of the American Oriental Society* 124, no. 2 (April–June 2004): pp. 315–321; "Effective Simile and Effective Act: Psalm 109, Numbers 5, and KUB 26", *The Catholic Biblical Quarterly* 69, no. 3 (julho de 2007): pp. 440–456. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Zeraemna não faria um juramento a Morônii? (Alma 44:8)", *KnoWhy* 152 (5 de julho de 2017); Central do Livro de Mórmon, "Por que Morônii citou o patriarca Jacó sobre a túnica de José? (Alma 46:24)", *KnoWhy* 154 (6 de julho de 2017).

Os colchetes nas palavras desta citação representam as partes em que os estudiosos deveriam ter adivinhado quais palavras deveriam ter sido. Isso acontece porque o texto que estava escrito em tábua de argila às vezes era quebrado. Billie Jean Collins, trad., "The First Soldiers' Oath", em *The Context of Scripture: Volume I, Canonical Compositions from the Biblical World*, ed. William W. Halo (Leiden: Brill, 2003), pp. 165–166.

Allen J. Christenson, trad., *Popol Vuh: The Sacred Book of the Maya* (Norman, OK: University of Oklahoma Press, 2007), p. 110.

David A. Bednar, "Pedir com Fé", *A Liahona* abril de 2008, p. 94.